



Ricardo Cammarota

A fuga para a outra margem

Deus me livre da moda, prefiro a companhia de um clássico como o Demônio

Luiz Felipe Pondé

Escritor e ensaísta, autor de "Notas sobre a Esperança e o Desespero" e "A Era do Niilismo". É doutor em filosofia pela USP

Um leve anacronismo pode ser uma forma de sobrevivência em meio ao mundo da intelligentsia. Trazer à tona assuntos fora de moda pode ser um indício de relevância — há que se lembrar que a moda é, por princípio, inimiga do pensamento original, por isso mesmo deveríamos lembrar esse detalhe metodológico a quem hoje se entrega ao debate ma-

çante sobre a inteligência artificial, os impasses de gêneros e a "ameaça a democracia". Deus me livre da moda, prefiro a companhia de um clássico como o Demônio. Este, eterno como é, sempre será um debatedor elegante e sem pressa de conquistar nada, muito longe de quem "pensa" para ocupar espaços e engajar mudos.

Para mim, a grande me-

táfora sintética da experiência humana na Terra é a de uma ópera. Quão menos moderno como virtude melhor. Modernidade só como fado.

Russel Kirk (1918-1994) foi um filósofo, crítico social e historiador das ideias. Sei que os inteligentinhos correrão a dizer que ele era conservador. Mas, normalmente, quando citada na grande mídia e na

imensa maioria das universidades, esta palavra significa simplesmente alguém que não seria de bom tom convidar para jantar em sua casa.

Não sei o que é pior, um estúpido progressista ou um reacionário que cospe nos outros quando fala. Depois de Bolsonaro, permaneceremos por décadas alienados dessa categoria histórico-filosófica.

A obra de Kirk, "A Era de T.S. Eliot, Imaginação Moral no Século XX", foi lançada no Brasil em 2011 pela É Realizações. Eliot viveu entre 1888 e 1965. Contando com uma sólida introdução sobre o autor, escrita pelo historiador Alex Catharino, a obra é um presente para quem gostaria de entender melhor o pensamento do grande poeta Eliot.

A título de ilustração, farei uma citação de Eliot, trazida por Benjamin G. Lockerd Jr, na introdução da terceira edição norte-americana da obra, que também consta na edição brasileira.

"A possibilidade de condenação eterna é um alívio tão grande em um mundo de reforma eleitoral, plebiscitos, reforma dos sexos e do vestuário, que a própria danação é uma forma imediata de salvação — da salvação do tédio da vida moderna, porque ao menos dá algum significado para a vida."

Eliot morreu em 1965. Inegável sua condição de profeta do vazio da modernidade e da miséria de nossas obsessões intelectuais. Para ele, enxergar o mal no mundo — ou o pecado, como queira — faria uma pessoa estar adiante do tempo.

A publicação de muitos títulos pela mesma editora da obra do historiador galês Christopher Dawson (1889-1970) é uma bênção.

Como apresentação ao seu "espiritualismo histórico", a recém-lançada obra do historiador Maurício G. Righi, "O Sábio de Malvern Hills, - O Espiritualismo Histórico de Ch-

ristopher Dawson", da mesma editora, é uma excelente entrada no universo de um historiador que ousou dizer que as religiões estão no centro e são a matriz da dinâmica social e política, e não o materialismo dos modos de produção.

Os títulos "A Criação do Ocidente - A Religião e a Civilização Medieval" e "Progresso e Religião - Uma Investigação Histórica" são exemplos consistentes de seu pensamento histórico.

No primeiro, Dawson mostra como a idade média implicou uma dinâmica de liberdade do pensamento sem submissão a ordens políticas, portanto nunca foi a idade das trevas que nos acostumamos a pensar. Aliás, como diz o filósofo francês Alain de Libera, os medievais nunca foram monote-máticos e obcecados por uma ou duas ideias que explicariam tudo como nós modernos. Os pobres de espíritos somos nós.

No segundo, o progresso como "industrialismo", ou o amor futurista à máquina, é visto como uma fraqueza de espírito que, ao invés de ampliar nossa visão do mundo, nos atola na extinção de tudo que não seja imediato e calculável pelo dinheiro.

Em meio a "terra desolada" — poema de Eliot —, habitamos "corredores sombrios onde os sonhos nos espreitam e as histórias primitivas se escondem". O lugar em que "o vento escolheu como ninho", em que almas despedaçadas temem o destino dos "ossos secos".